

APRESENTAÇÃO

**DOSSIÊ QUESTÕES RACIAIS, EM INTERSECÇÃO, COMO AGENTES DE TRANSFORMAÇÃO NO CAMPO
DOS ESTUDOS DA LINGUAGEM**

APRESENTAÇÃO OU DOS PORQUÊS A ESCRITA NEGRA IMPORTA

Presentación o por qué la escritura negra es importante

Presentation or why black writing matters

Kassandra Muniz¹
(UFOP)

Ana Lucia Silva Souza²
(UFBA)

Recebido em: agosto de 2022
Aceito em: novembro de 2022
DOI: 10.26512/les.v23i2.45620

¹ Kassandra Muniz é professora doutora associada do Depto. de Letras da Universidade Federal de Ouro Preto. É líder do grupo de pesquisa/CNPq GELCI 0 Grupo de estudos sobre Linguagens, Culturas e Identidades. É membro do NEABI/UFOP e da ABPN. Tem pesquisas, livros organizados e diversos artigos nas seguintes temáticas: Linguagem e Raça; Formação de Professores; Letramentos; Estudos Culturais e Performance e Literatura de autoria negra feminina. Vem se dedicando a escrever sobre a concepção de Linguagem como Mandinga.

² Ana Lucia Silva Souza é professora doutora do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia e do Mestrado Profissional Profletras. É líder do grupo de pesquisa/CNPQ - Rasuras Letramentos de Reexistência na Diáspora Negra. Integra a Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as - ABPN. Tem pesquisas, livros organizados e diversos artigos nas seguintes temáticas: Estudos dos Letramentos; ações afirmativas e educação, juventudes e hip hop e culturas periféricas.

A proposta deste dossiê surge nas intersecções entre as possibilidades, ainda restritas, de abertura do campo dos Estudos de Linguagem para discussões de agendas conflitivas, com a atuação do GT Práticas Identitárias na Linguística Aplicada, da Associação Nacional de Pós-Graduação em Letras e Linguística – Anpoll. Ao longo das últimas coordenações o GT veio enfatizando a necessidade de entender como temáticas, tais como periferias, questões de gênero e sexualidade, *desabilities* e outros marcadores sociais interrogam o campo da Linguística Aplicada, a LA. É nesse contexto que as editoras deste número são eleitas coordenadoras e nos de anos 2018 a 2021 e desenvolvem, de forma mais pontual, a discussão racial, sempre em intersecção com os marcadores sociais acima citados. Neste dossiê, especificamente, a questão racial não apenas está como temática principal, mas também se concretiza nos estudos das/dos pesquisadoras/es convidadas.

Para uma área que tem como base a relação entre Linguagem e Sociedade, ainda temos muito o que caminhar, no estabelecimento da relação Raça e Linguagem. Dessa forma, mais que se justifica trazermos, neste número, protagonismos e desafios dessa relação em tempos nos quais estamos recém-saídas de uma pandemia que teve cor e classe bem definidas entre as pessoas que mais morreram. Perante um cenário de morte, pode a linguagem ser sinônimo de vida, para pesquisadoras/es e suas escritas negras? Raça aqui é “apenas” um marcador social ou um modo indissociável de pensar e existir na linguagem? Sobre isso, teceremos algumas breves considerações, fazendo um exercício de (des)pensar junto com quem quiser vir mergulhar nas discussões desse dossiê.

De forma bastante categórica, anunciamos no título: sim, a questão racial tem transformado o campo dos estudos da linguagem. A assertividade vem do reconhecimento, cada vez maior, de que não é possível dissociar a linguagem daquilo que a movimenta; os sujeitos. Não é possível construir nossas subjetividades a partir de uma visão de “corpus sem corpo” (SOUZA; MUNIZ, 2017). A linguagem tem corporeidade e, nesse sentido, raça, gênero, classe, sexualidade, *desabilities*, entre outros marcadores sociais, interrogam a forma “moderna” como língua veio sendo idealizada nos estudos da linguagem. Nesse bojo, uma gama de intelectuais negres, obviamente sob muita tensão e questionamentos, tem levantado suas mãos e vozes indagando: até quando seremos ignorades dentro daquilo que nos torna mais humanas, a linguagem?

Dessa forma, tendo como princípio que o fazer linguístico é político, apresentamos este dossiê trazendo intelectuais que possuem excelência nessa discussão e também comprometimento com o enegrecimento do campo. Longe de essencialismos, nos interessou, enquanto organizadoras, mostrar uma pluralidade de pesquisas e temáticas, bem como de pesquisadoras e pesquisadores. Apesar disso, é possível perceber algumas linhas que constituem um fio diaspórico (Muniz, 2021) que interliga nossos modos de fazer pesquisa e vida. É fundamental para nós, como editoras desse

dossiê, perceber não apenas excelência acadêmica, porque nisso a intelectualidade negra autora dos artigos aqui trazidos são referências.

Igualmente importante também, para nós, é celebrar e celebrar a vida enquanto possibilidade de um fazer acadêmico que não nos aniquile como sujeitos de linguagem. Nesse sentido, um fio que interliga os artigos é a noção de linguagem como ação, mesmo considerando que essa assunção não compõe a base epistemológico-teórica de todos os artigos. Uma ação política que realça, ao mesmo tempo, exclusão, dada a ainda forte ausência da discussão racial na Linguística e na Linguística Aplicada, bem como tem trazido protagonismos e uma lenta, porém irreversível mudança. Sociolinguística, Letramentos Críticos e de Reexistência, Linguística Aplicada, Antropologia Linguística, Pragmática, Ensino e Aprendizagem de Línguas, Estudos Críticos do Discurso, Currículo e Formação de Professores são algumas das áreas presentes no dossiê e que chancelam o argumento anterior de que lenta e progressivamente é preciso reconhecer Raça como matriz que construiu a lógica imperial do colonialismo e que mantém as relações de colonialidade tal qual se apresentam nas nossas sociedades ocidentais.

É possível, então, construir, a partir das escritas negras deste dossiê, mas arriscamos dizer que se estende a um *modus* preto de escrever, três características que dão o contorno para o que Souza (2009) nomeia como Letramentos de Reexistência. Segundo Muniz (2019), em palestra de encerramento proferida por ocasião do X CIELL, Movimento, Paixão e Comprometimento Político são as características que marcam as escolhas da intelectualidade negra para a escrita. O que nos move a escrever? Por que aceitar escrever em condições subalternizadas de trabalho acadêmico? Qual a importância de fazer uma opção política pela formação, em meio aos ditames de uma concepção de ciência cada vez mais tecnológica e pretensamente imparcial? Quais os limites entre produção de conhecimento acadêmico e produção de conhecimento ativista? Não apenas pelas temáticas, mas também pela própria forma das escolhas linguísticas que dão contorno à escrita dos artigos, Escrivivência, de Conceição Evaristo, é mais que um conceito, um modo mesmo de viver a linguagem performada por intelectuais negres.

Dessas três características, vale a pena discorrer brevemente sobre Paixão porque, frequentemente, quando se trata de escrita de intelectuais à margem do *standard*, ela vem como uma acusação, e é nomeada como escrita militante. É algo menor. Para as editoras deste número, interessa justamente o que faz pulsar, a paixão em seu sentimento grandioso. Apenas isso justifica a escolha política por se colocar em movimento para dizer de si, de outrem, da nação, do projeto de um futuro mais possível para todos. Dessa forma, se for para (re)pensarmos conceitos que circulam de forma vigorosa na Linguística Aplicada contemporânea, a partir da experiência da reexistência negra (Souza, 2009), fazer pesquisa com paixão é um defeito. Congregar ativismo com pesquisa, é defeito.

Assumir nossa subjetividade na pesquisa, é defeito. Contudo, é impossível, a nosso ver, pensar linguagem sem sociedade, cultura e identidades. Quando lidamos com os letramentos negros agenciados nos artigos aqui presentes, e na escrita negra como um todo, reivindicar esse lugar da escrevivência é parte de nossa sobrevivência enquanto sujeitos. É uma possibilidade de, finalmente, falar e, quem sabe, ser ouvido. De existir como sujeito de linguagem, que vive e tem coisas a dizer. Afinal, como nos exorta Conceição Evaristo, “A gente combinamos de não morrer”, e isso implica ter a linguagem, performada na escrita, como uma aliada nesse gesto de reexistência.

Em Souza (2011), resistir é fundamental, principalmente porque não temos, como população negra, outra opção; nunca tivemos. Contudo, reexistir nos dá a possibilidade de reinventar e criar. É entregar poesia daquilo que é tão cru e opressor, como o racismo. As escritas e escribas aqui presentes neste dossiê nos entregam isso, porque agregam às suas excelências acadêmicas, comprometimento e paixão. Dessa forma, esperamos que, ao ler os artigos, se perceba que na base deles há uma franca pretensão de movimentar o que está estagnado (Oriki de Exu).

Estamos dizendo sobre transgredir, reinventar, libertar, acolher, reexistir e mandingar. Estamos, aqui, reivindicando outras formas de escriturar a vida na linguagem. Quando nos perguntamos por que insistir em se fazer ouvir em um campo que insiste ainda em não reconhecer a relação intrínseca entre Raça e Linguagem, Anzaldúa vem em nosso socorro:

“Por que sou levada a escrever?

Porque a escrita me salva da
complacência que me amedronta. Porque
não tenho escolha. Porque devo manter
vivo o espírito de minha revolta e a mim
mesma também. Porque o mundo que crio
na escrita compensa o que o mundo real
não me dá. No escrever coloco ordem no
mundo, coloco nele uma alça para poder
segurá-lo. Escrevo porque a vida não
aplaca meus apetites e minha fome.
Escrevo para registrar o que os outros
apagam quando falo, para reescrever as
histórias mal escritas sobre mim, sobre você

Gloria Anzaldúa (1942-2004), em *Falando em línguas: uma carta para as mulheres do terceiro mundo*.

Conceição Evaristo, em entrevista, uma vez falou que era muito interessante todo o *glamour* em volta do nome dela, mas a homenagem mais sincera que poderiam fazer era ler as suas obras. Nós também queremos ser lidas, assim como as autoras e autores presentes neste dossiê. Com que caneta é possível escrever nossas vidas acadêmicas? Nós gostamos de escrever com paixão. Nessa toada, apresentamos, a seguir, um pouco dos artigos que compõem esse número, com o sincero convite e desejo de que excelentes leituras possam ser realizadas. Leituras de textos. Leituras de vida.

Miriam Jorge dos Santos, em seu artigo *Reflexões sobre ser uma educadora linguística no Brasil e nos Estados Unidos: porque identidades raciais sempre importam*, lança mão da autoetnografia como caminho metodológico para trazer reflexões sobre sua trajetória como pesquisadora negra, com larga experiência na área de ensino de língua. A partir do que chama de “lentes transnacionais”, rememora, discorre e analisa de que maneira as experiências racializadas no Brasil e nos EUA, dois contextos geográficos, políticos e culturais tão distintos, ao mesmo tempo, trazem semelhanças em vários aspectos. É um texto bastante importante, pois mostra de que maneira os sujeitos e seus corpos circulam no cotidiano, em meio a teorias e, com suas experiências, também fazem ciência a partir da própria vivência.

Samima Amade Patel, no artigo *O lugar das línguas moçambicanas no panorama educacional de Moçambique: que perspectivas?* focaliza aspectos do ensino de línguas e da política nacional para formação de professores em Moçambique, um país que tem a língua portuguesa como língua oficial e um país que tem muitas línguas maternas. Como sustentar o ensino nos currículos escolares? Como afirma Samima, a realidade é multilíngue em Moçambique, as pessoas vivem em meio a várias línguas e, portanto, a política linguística e educacional se mantém como centralidade nas discussões sobre a criação e sustentação de um Estado-nação que precisa dar conta das culturas e identidades que estão nas salas de aula.

Será que podemos ser como somos de verdade no espaço da universidade? Indagam Luanda Rejane Soares Sito e Sandra Victoria Buesaquillo Zapata, no texto intitulado *¿No podemos ser como somos nosotros en realidad? construção de conhecimento, escrita e identidade*, que nos provoca a encarar o questionamento dentro dos espaços acadêmicos. As autoras refletem sobre as implicações e os tensionamentos resultantes do ingresso de jovens negros e indígenas nas universidades latino-

americanas e os efeitos, os desdobramentos em áreas que envolvem a linguagem das artes letradas em contato, em especial, no que se refere à área de linguagem, as metodologias e a pedagogia universitária dos estudos que tratam da escrita acadêmica. O texto aponta a existência das tensões e também as possibilidades, diante dos desafios de repensar, principalmente, a cultura acadêmica.

O artigo *Currículo e africanidades: um olhar pela perspectiva de tradutores e intérpretes de língua de sinais pretos*, de Dicéia Martins, Elijah Anertey Abbey e Evelin Seluchiniak Nunes, traz um olhar arguto à necessária formação antirracista nos Estudos da Tradução e Interpretação de Línguas de Sinais (ETILS), uma vez que currículos ainda possuem valores que reproduzem o embranquecimento. De maneira contundente, o artigo se mostra comprometido com a comunidade surda, em especial no que diz respeito à população negra. Traz para o cerne da discussão a necessidade de medidas para a implementação concreta das diretrizes previstas na CNE n. 02/2015, em articulação com a LDB, modificada em seus artigos 26 A e 79B, que institui a obrigatoriedade do ensino de História da África e Cultura Africana e Afro-brasileira; o texto se esforça numa defesa de argumentos que tragam uma mudança de paradigma no currículo de Letras – Libras, que é fundamental para outras possibilidades de garantia do direito à educação de qualidade e que permita vislumbrar uma sociedade mais justa e igualitária para todas as pessoas.

O artigo *REPENSE e a urgente demanda necrolinguística*, escrito por Fernanda de Oliveira Cerqueira, Larissa da Silva Fontana e Rogério Modesto, focaliza a criação e os propósitos da Rede de Pesquisadores Negres de Estudos da Linguagem - REPENSE como espaço de mobilização política na área de estudos da linguagem. O artigo mostra de que maneira a Rede centra suas ações na visibilidade e na articulação entre racialidade e língua nos estudos da linguagem e a invisibilidade de intelectuais negres. Explicita as razões pelas quais há a necessidade de associar raça e língua(gem) âmbito de suas áreas de atuação - nos estudos, pesquisas e ensino - e também combater o epistemicídio que ainda é flagrante na academia brasileira. Por fim, aponta caminhos para que o campo dos estudos da linguagem possam ser cada vez mais corpos e presença negra

Mulheres negras no stand-up e suas táticas de linguagem na feitura da liberdade, escrito por Ludmila e Tania Rezende, aborda, de maneira crítica as contradições de corpos feridos pela colonialidade, que têm como marco-zero o corpo-padrão, no masculino, branco e eurocentrado. Um texto potente que, ancorando a discussão na literatura e no humor, sob a ótica das mulheres negras, nos provoca a todos, todas e todes para um posicionamento diante do linguístico nosso de cada dia.

Tanya Saunders, em seu artigo *São as mulheres negras cisgênero? analisando a invisibilidade de negritude nos debates sobre gênero e transfobia*, traça um produtivo caminho de análise sobre a invisibilidade da negritude no âmbito dos debates sobre gênero e transfobia. Entre muitas problematizações em torno das teorias de gênero, no artigo, a autora nos convoca à reflexão sobre a classificação e categoria de cisgeneridade, atribuída às mulheres negras desde o nascer. A construção da cisgeneridade é discutida pela autora, enquanto um estruturante marcador social, dominado por padrões hegemônicos da branquitude, que invisibilizam e apagam a diversidade de gênero, sexo e sexualidade, vivenciadas pelas populações afrodescendentes, em especial pelas mulheres negras, que também vivenciam o apagamento e a desumanização de sua feminilidade e das memórias de cuidado e irmandade entre mulheres.

Metodologia cartográfica como possibilidade de pesquisa em linguística aplicada com coletivos de negros e negras: confissões de pesquisa é o artigo de Gilson Soares Cordeiro, que revisita sua trajetória de pesquisador apresentando aspectos da metodologia cartográfica, movimentada por ele quando imerso no cotidiano de um coletivo de capoeiras na Cidade de Camocim-CE. O autor trata das (im)possibilidades, potências e desafios de manter o comprometimento político com a agenda dos sujeitos de pesquisa, que considera também autores do processo de cartografia empreendido. Ao estabelecer alguns possíveis princípios para a metodologia, incentiva que outras pesquisas sejam realizadas na mesma perspectiva.

Marco Antônio Lima do Bonfim, no artigo *Pragmática cultural em perspectiva preta: raça, mandinga e saberes negro-linguísticos no movimento negro unificado do Ceará*, argumenta a favor de uma pragmática cultural preta e apresenta os modos de emprego da linguagem por parte de integrantes do Movimento Negro Unificado do Ceará (MNU – CE), evidenciando-os como atos de fala mandingueiros. O autor defende que os atos mandingueiros são os saberes negro-linguísticos performatizados pelos ativistas e que são parte da história e das estratégias da população negra do Brasil.

Gersiney Santos contribui com o debate, ao trazer o texto *Estudos críticos do discurso e 'tempos de crise': uma proposta para reexistências a partir da aquilombagem crítica e das redes pragmáticas*. No artigo apresenta possibilidades teórico-metodológicas anticoloniais. Ele nos convida a refletir sobre os conceitos de aquilombagem crítica e redes pragmáticas, de maneira muito pertinente à área de conhecimento e, ainda, apresenta uma proposta de ação na área de educação, trabalhando com os usos de linguagem.

Henrique Freitas, em *Letramentos negros: o corpo como saber*, propõe-se a pensar as epistemologias negras na prática da constituição e dinâmica cotidiana dos usos de linguagem em sociedade. Para o autor, os valores civilizatórios sistematizados por Azoilda Loretto da Trindade estão na base e em conexão com letramentos que, longe de ser apenas a escrita, é também, e sobretudo, o corpo como lugar de produção de saberes ancestrais.

Amanda Ribeiro e Edneia Gonçalves assinam a resenha do livro *Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança*, da intelectual estadunidense bell hooks, publicado no Brasil em novembro de 2021, pela editora Elefante. No contato com o texto produzido, vislumbramos o teor e a potência do trabalho da intelectual feminista que, por meio de 16 ensinamentos, enfatiza aspectos da pedagogia engajada e a importância da construção de comunidades de aprendizagem, dinâmica que exige o enfrentamento às opressões e, ao mesmo tempo, a proposição de saídas que permitam que o ambiente de aprendizagem seja lugar de acolhimento e de esperança para todes.

As editoras do dossiê **Questões raciais em intersecção, como agentes de transformação no campo dos estudos da linguagem**, por meio dos artigos e da resenha, convidam para um diálogo com o símbolo Adinkra Sankofa, que nos ensina a aprender com o passado para ressignificar o presente e construir um futuro melhor.

REFERÊNCIAS

ANZALDÚA, Gloria. **Como domar uma língua selvagem**. Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Difusão da língua portuguesa, no 39, p. 297-309, 2009

BRASIL. Lei 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Brasília, DF: 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2003/L10.639.htm. Acesso em: 07 set. 2022

EVARISTO, Conceição. **Poemas malungos** – Cânticos irmãos. Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras, 2011. 172 f. Orientadora: Laura Padilha.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d’água** - 1 ed. - Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

MUNIZ, Kassandra S.; SOUZA, Ana Lúcia Silva. **Descolonialidade, performance e diáspora africana no interior do Brasil**: sobre transições identitárias e capilares entre estudantes da UNILAB. L&S Cadernos de Linguagem e Sociedade, v. 18, p. 80-101, 2017

MUNIZ, Kassandra In: Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as - ABPN. Live da ABPB – Linguagem e questões étnico-raciais: do racismo aos protagonismos. 27. ago. 2020. Youtube. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=j8TrHKkMS5U&t=3513s>>. Acesso em: 27. ago. 2022.

MUNIZ, Kassandra. Linguagem como mandinga: população negra e periférica reinventando epistemologias. In: SOUZA, Ana Lucia Silva (org.). **Cultura política nas periferias**: estratégias de reexistência. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2021. Disponível em <<https://fpabramo.org.br/publicacoes/estante/cultura-politica-nas-periferias-estrategias-de-reexistencia/>>. Acesso em 07 set 2022

SOUZA, Ana Lucia Silva. **Letramentos de reexistência** - culturas e identidades no movimento hip hop. 2009. 219 p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em:<<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/269280>>. Acesso em: 09 ago. 2022.

SOUZA, Ana Lucia Silva. **Letramentos de reexistência** = culturas e identidades no movimento hip hop. Parábola: São Paulo, 2011.

TRINDADE, Azoilda Loretto da. **Valores Civilizatórios e a Educação Infantil**: uma contribuição afro-brasileira in BRANDÃO, Ana Paula; TRINDADE, Azoilda Loretto da. (org.). Modos de brincar: caderno de atividades, saberes e fazeres. In: **A cor da Cultura** v. 5. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2010. Disponível em <http://acordacultura.org.br>. Acesso em: 7 set. 2022

Comitê Científico

Ariovaldo Sacramento de Souza

Claudilene Maria da Silva

Clézio Roberto Gonçalves

Daniel do Nascimento e Silva

Daniele Oliveira

Dina Maria Machado Andréa Martins Ferreira

Fernanda de Oliveira Cerqueira

Gilson Cordeiro Soares

Guilherme Veiga Rios -

José Henrique de Freitas

Irenilza Oliveira e Oliveira

Janaina Damasceno Gomes

Joana Plaza Pinto

Joel Austin Windle

Josane Silva Souza

Junot de Oliveira Maia

Lígia Paula Couto

Marco Antônio Lima Bonfin

Milena Souza Britto

Nanci Araújo Bento

Nerivaldo Alves Araújo

Rafahel Jean Parintins Lima

Vera Regina Rodrigues Silva